

# O ESPÍRITO DO GUERREIRO

STEVEN  
PRESSFIELD

*Tradução*  
Mirna Pinsky

  
editora**contexto**

---

The Warrior Ethos *Copyright* © 2011 by  
Nine Sisters Imports, Inc. Esta tradução de  
*The Warrior Ethos* de Steven Pressfield em  
língua portuguesa é publicada por acordo  
com Black Irish Entertainment, LLC

Direitos para publicação no Brasil adquiridos  
pela Editora Contexto (Editora Pinsky Ltda.)

*Montagem de capa e diagramação*  
Gustavo S. Vilas Boas

*Tradução*  
Mirna Pinsky

*Preparação de textos*  
Lilian Aquino

*Revisão*  
Vitória Oliveira Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Pressfield, Steven  
O espírito do guerreiro / Steven Pressfield ;  
tradução de Mirna Pinsky. – São Paulo :  
Contexto, 2020.  
128 p.

Bibliografia  
ISBN 978-85-520-0174-4  
Título original: The Warrior Ethos

1. Desenvolvimento pessoal 2. Autoajuda 3.  
Virtudes 4. Caráter I. Título II. Pinsky,  
Mirna

19-2799

CDD 179.9

---

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Índice para catálogo sistemático:  
1. Desenvolvimento pessoal

---

2020

---

EDITORA CONTEXTO

Diretor editorial: *Jaime Pinsky*

Rua Dr. José Elias, 520 – Alto da Lapa

05083-030 – São Paulo – SP

PABX: (11) 3832 5838

[contexto@editoracontexto.com.br](mailto:contexto@editoracontexto.com.br)

[www.editoracontexto.com.br](http://www.editoracontexto.com.br)

---



Os espartanos não perguntam quantos são os inimigos, mas onde eles estão.

Plutarco

*(Sayings of the spartans)*

# SUMÁRIO

## ESCREVENDO SOBRE A GUERRA

### PARTE I

#### ACADEMIAS DE GUERRA

Mães implacáveis

Primeiro as mulheres

A leste do Éden

O senhor da guerra

O instinto de autopreservação

Certo e errado

Tribos, gangues e terroristas

A diferença entre culpa e desonra

O oposto de desonra é dignidade

De meninos para homens

### PARTE II

#### A GUERRA EXTERIOR

Terra inóspita

Como os espartanos se tornaram os espartanos

O oposto de medo é amor

Abnegação

Condecorações por bravura

“Sigam-me!”

Alegrias da penúria

Dever, honra, pátria

O desejo de vitória

Morrer rindo

### PARTE III

### GUERRAS INTERNAS

Vítimas de guerra

O mundo civil

Voltando para casa

“Pureza da arma”

A guerra no nosso íntimo

O senhor da disciplina

Um rito de passagem

O arquétipo do guerreiro

O sábio nu

A coisa mais difícil no mundo

### BIBLIOGRAFIA

### O AUTOR



# ESCREVENDO SOBRE A GUERRA

Sou escritor. Escrevo sobre a guerra – guerras externas e guerras internas, guerras antigas e modernas, guerras reais, históricas, e guerras que existiram só na imaginação. Por quê? Nem eu mesmo sei...

Meu livro mais recente é *The Profession*. Ele é ambientado numa civilização futura. *The Profession* propõe um mundo no qual combatentes de aluguel se desvincularam das regras tradicionais da guerra e não estão mais ligados aos padrões de honra que regeram exércitos ocidentais desde Troia e mesmo antes. Era um território novo para mim. Surgiram questões sobre o certo e o errado que nunca tinham me ocorrido. Fui obrigado a refletir profundamente a respeito.

Por exemplo: será que um combatente precisa de uma bandeira ou de uma causa para reivindicar um código de honra? Ou um espírito de guerreiro surge espontaneamente, chamado pela necessidade e urgências do coração humano? Será que a honra está codificada em nossos genes? Do que consiste a honra – numa época em que esse conceito parece quase abandonado pela sociedade como um todo, pelo menos do Ocidente? O que é esse *Ethos* do Guerreiro? De onde surgiu? Que formato tem nos dias de hoje?

Este livro é minha tentativa de responder a essas questões. Não pretendo dar a última palavra, a resposta definitiva. São apenas pensamentos e observações de um homem sobre o tema.

*O Espírito do Guerreiro* foi escrito para homens e mulheres de uniforme, mas espero que sua utilidade não se limite à esfera do conflito armado literal. Todos nós enfrentamos batalhas – no trabalho, na família e além, no vasto mundo. Cada um de nós luta diariamente para definir e defender objetivos e a integridade, justificar nossa existência no planeta, e entender, ainda que só no coração, quem somos e em que acreditamos.

Somos todos guerreiros. Lutamos sob um código? Se sim, que código é esse? Qual é o Espírito do Guerreiro? Como usamos e como podemos usar esse código e ser fiéis a ele na vida interior e no mundo?





PARTE I

# ACADEMIAS DE GUERRA



## MÃES IMPLACÁVEIS

Três histórias da Esparta antiga:

Um mensageiro retornou a Esparta vindo do campo de batalha. As mulheres o rodearam. Dirigindo-se a uma delas, o mensageiro disse: “Mãe, trago-lhe notícias tristes. Seu filho foi morto enfrentando o inimigo”. Disse ela: “Ele é meu filho”. “Seu outro filho está vivo e ileso”, continuou o mensageiro. “Ele fugiu do inimigo”. Ao que retrucou a mãe: “Ele não é meu filho”.

Outro mensageiro retornou da guerra e foi abordado por uma mãe espartana: “Como está se saindo nosso país, arauto?”. O mensageiro caiu em prantos. “Mãe, lamento por você”. “Todos os seus cinco filhos foram mortos, enfrentando o inimigo”. “Seu tolo”, disse a mulher. “Não perguntei por meus filhos. Perguntei se Esparta estava vitoriosa!”. “Na verdade, Mãe, nossos guerreiros foram bem-sucedidos”. “Então estou feliz”, disse a mãe, afastando-se.

Dois irmãos guerreiros, fugindo do inimigo, voltavam para a cidade. Por acaso, encontraram a mãe caminhando pela estrada e se aproximaram. Ela ergueu a saia acima da cintura e disse: “Para

*image  
not  
available*

que seria) nas batalhas subsequentes, lutadas não por aquele grupo de defensores iniciais, mas pelos exércitos unidos das cidades-Estado gregas nos meses e anos seguintes.

O que inspiraria esses próximos guerreiros? O que fortaleceria sua vontade de resistir – e o que os impediria de oferecer os sinais de rendição que Xerxes, o rei persa, exigia deles?

Leônidas sabia que os 300 espartanos iriam morrer. A pergunta mais importante era: como Esparta reagiria a essas mortes? Se Esparta fosse devastada, a Grécia entraria em colapso junto. Mas para quem os espartanos se voltariam nessa hora decisiva? Eles olhariam para as mulheres – para as esposas e mães dos mortos.

Se essas mulheres cedessem, se se entregassem ao choro e desespero, então todas as mulheres de Esparta também desistiriam. Esparta se curvaria, e com ela toda a Grécia.

As mulheres de Esparta, no entanto, não se dobraram e não cederam. No ano seguinte às Termópilas, a frota e o exército gregos expulsaram multidões persas em Salamis e Plateias. O Ocidente sobreviveu, em grande parte, graças às suas mulheres.

A leoa caça. A fêmea alfa defende a alcateia. O *Ethos* do Guerreiro não é, no fundo, uma manifestação apenas da agressividade do macho ou da vontade masculina de dominar. Seus fundamentos alcançam toda a sociedade. Repousam na vontade e decisão de mães e esposas e filhas – e, em muitas instâncias, em guerreiras femininas também – para defender os filhos, o solo natal e os valores de sua cultura.

*image  
not  
available*



## TRIBOS, GANGUES E TERRORISTAS

Toda convenção respeitável tem sua versão sombria, uma manifestação falsa ou maligna, em que nobres princípios são praticados – mas de uma forma obscura que vira do avesso meios e fins. Máfias e gangues criminosas vivem sob rigorosos e sofisticados códigos de lealdade, disciplina e honra. Assim como organizações terroristas. Isso torna seus membros guerreiros? Será que esses grupos praticam o *Ethos* do Guerreiro? Quando “honra” não tem honradez?

Para responder isso, precisamos considerar a natureza das tribos. Quais são as características sociais, culturais e políticas das tribos?

Vejam: tribos são hostis a estranhos. Isso vale para virtualmente todas as tribos em todas as partes do globo e em todas as épocas históricas, dizem os antropólogos. Tribos estão perpetuamente em guerra entre elas.

Tribos praticam o primado da honra. Tribos são governadas não pela regra da lei, mas por um código de honra (*nang*, em pashto\*). Códigos tribais exigem retaliação (*badal*). Qualquer insulto à honra precisa ser vingado.

Tribos valorizam a lealdade e a solidariedade. Tribos reverenciam os mais velhos e os deuses. Tribos resistem à mudança. Tribos oprimem as

*image  
not  
available*



## A DIFERENÇA ENTRE CULPA E DESONRA

Segundo sociólogos, há dois tipos de culturas: baseadas na culpa ou baseadas na desonra.

Indivíduos de uma cultura baseada na culpa internalizam as concepções de certo e errado de sua sociedade. O pecador sente o crime em suas entranhas. Não precisa que ninguém o condene ou sentencie: ele próprio se condena e sentencia.

A cultura ocidental é baseada na culpa. Como o Deus judaico-cristão vê e conhece nossas ações e os mais íntimos pensamentos, sentimo-nos sempre culpados de algo, e a única saída é alguma forma de perdão, absolvição ou graça divinas.

Uma cultura baseada na desonra é o contrário. Nesse tipo de cultura, a “aparência” é tudo. Tudo que importa é o que a comunidade vê em nós. Se tivermos praticado um assassinato, mas conseguirmos convencer os companheiros de que somos inocentes, estamos livres. Por outro lado, se a comunidade vê malignidade em nós – mesmo que sejamos inocentes –, perdemos o prestígio e a honra. A morte torna-se preferível à vida.

Uma cultura baseada na desonra impõe valores sobre o indivíduo, vindos da opinião favorável ou desfavorável do grupo. A comunidade aplica o código em seus membros com afastamento e humilhação



*image  
not  
available*



## TERRA INÓSPITA

Muitas culturas guerreiras surgiram em ambientes hostis. Gregos e macedônios, romanos e russos, e mesmo britânicos e japoneses, isolados em suas ilhas de poucos recursos; assim como os masai e os apaches; zulus e beduínos; os clãs das montanhas escocesas; no Afeganistão, as tribos pashtuns de Indocuche. Nos Estados Unidos, a região montanhosa de Virginia e West Virginia, Kentucky, Tennessee e sul de Missouri (além das Carolinas, Georgia e Texas) produziram excelentes soldados desde a Guerra Civil até o presente.

O interessante sobre povos e culturas de ambientes hostis é que eles quase nunca decidem sair dali. Quando os persas sob Ciro, o Grande (que veio das inóspitas montanhas Zagros, hoje no Irã), conquistaram a planície Medes há cerca de 2600 anos, os conselheiros do rei supuseram que Ciro abandonaria sua terra natal estéril e rochosa e se estabeleceria nos agradáveis e férteis vales de Medes. Mas Ciro sabia, como diz o ditado, que “terras macias criam povos indolentes”. Sua resposta a isso ficou famosa:

É melhor viver numa terra inóspita e governar, do que lavrar ricas planícies como escravo.

Quando Alexandre invadiu o Afeganistão em 330 a.C., aliou-se a

*image  
not  
available*

um trovão de uma ponta a outra da coluna. Alguém exclamou: “Com um rei como esse nos liderando, força alguma na terra poderá nos derrotar”.

Há outra história de Alexandre. Quando se preparava para sair da Macedônia para um assalto sobre o Império Persa, reuniu todo o exército, oficiais e soldados, em um grande festival num lugar chamado Dium, na Costa da Magnésia.\*

Quando o exército estava reunido, Alexandre pôs-se a distribuir todos os seus bens. Para os generais, deu propriedades rurais (todas pertencentes à coroa); deu áreas florestais para os coronéis, locais de pesca, concessões de mineração e áreas de reservas para caça aos oficiais de média graduação. Cada sargento recebeu uma fazenda; mesmo soldados rasos receberam chalés e terras pastoris e gado. No ápice dessa noite extraordinária, os soldados conclamavam o rei a parar. A um amigo que lhe perguntou “Mas o que vai ficar para você?”, Alexandre respondeu: “Minhas esperanças”.

Abnegação produz coragem porque aproxima os homens e prova a cada indivíduo que ele não está só. O ato de generosidade evoca no receptor o desejo de retribuir. Os homens de Alexandre sabiam, pelo extraordinário gesto de generosidade do rei, que os despojos de qualquer vitória também seriam repartidos com eles – seu jovem comandante não os conservaria para si. A História nos conta que isso não era um gesto calculado ou de grandiosidade disfarçada da parte de Alexandre. Era a mais autêntica paixão, do fundo do coração. Ele realmente não se importava com coisas materiais; amava seus homens e tinha o coração voltado para a glória e grandes conquistas.

Em outra ocasião, o exército de Alexandre cruzava arduamente as montanhas num rigoroso inverno. Um velho soldado desgarrou-se e chegou ao acampamento todo congelado pela nevasca, sem conseguir